

## EDITORIAL

*Homo sum; nihil humanum a me alienum puto.*

*Sou homem, nada de humano me é estranho*, diziam os romanos, nos tempos de Cícero, ao que acrescentaríamos *nullum hominem a me alienum puto*; sou homem e nenhum outro homem me é estranho. Não o adjetivo simples, *humanus*, e sim o substantivo concreto: o homem. O homem de carne e osso, que nasce, sofre e morre, que come, bebe, joga, dorme, ama, pensa e quer; o homem que se vai e a quem se ouve, o “irmão”, no *continuum* da tradição, na história.

Tradição, do latim, *tradere*, “entregar”, é o que passa de um a outro; “trans”, um conceito irmão de transmissão, traslado, transpasso. Mas o que passa deixa algo, que serve de sustentação ao perpétuo fluxo das coisas.

As ondás da história, com seu rumor e sua espuma, reverberam ao sol do tempo, sobre um mar contínuo e profundo, imensamente profundo. É preciso ouvir a vida silenciosa dos milhões de homens, de todos os tempos e lugares, que se levantam a uma ordem do sol e vão aos seus afazeres, de todos os tipos, prosseguir seu obscuro e silencioso labor cotidiano e eterno; esse labor que, como pérolas oceânicas, forma a base da história. Pois que história é o fazer no tempo, e tempo é tempo humano.

Sobre o silêncio augusto se apóia e vive o sonho; sobre a imensa humanidade vive a história. Neste mundo silencioso de livros, papéis, monumentos, pedras e palavras, neste fundo ardente de mar, vive no presente a tradição. No fundo do mar presente é que se há de buscar a história, a que cada nova manhã e cada nova interpretação trazem uma frescura renovada, *per saecula saeculorum*.